

Imaginário nas curas e doenças de comunidades do Vale do Juruá: a cultura e a medicina

Leonides Antonio de Faria Neto¹

Daniel Alves Orlando²

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento

Introdução

A relação entre saúde e cultura tem sido constantemente debatida nos estudos médicos, tendo em vista que, hoje, a medicina tem se pautado por uma visão holística do paciente e por uma prática médica humanitária, uma vez que até bem recentemente vigorava o sistema biomédico.

O estudo das inter-relações entre saúde e cultura encontram sua base na Antropologia da Saúde. O primeiro antropólogo a examinar a medicina nas chamadas culturas "primitivas" foi Rivers. Com formação em medicina, Rivers se ocupou com a caracterização da medicina primitiva Segundo categorias de pensamento, identificadas na época como pensamento mágico, religioso ou naturalista. Dessa forma, o pesquisador procurou identificar tal medicina como uma instituição social, interligada com outros aspectos da cultura.

A partir do pensamento hipocrático, a origem das doenças passou a ser atribuída aos fenômenos naturais, passíveis de serem estudados cientificamente. A lógica hipocrática ocidental fundamentava-se na relação existente entre o ambiente e o estilo de vida das pessoas. Na mesma ocasião, o sistema oriental desenvolveu-se pautado na afirmação de que "o organismo é considerado um microcosmo do universo..." (CAPRA, 1982). Deste modo, apesar de se orientarem por contextos culturais diferentes, os sistemas ocidental e oriental de saúde na Idade Antiga baseavam-se no holismo, ou seja, a terapêutica deveria atuar no organismo como um todo integrado ao Universo (macrocosmo) e não apenas na eliminação

¹ Bolsista do projeto PIBIC/CNPQ no período de janeiro/2008 a julho/2008.

² Bolsista do projeto PIBIC/CNPQ no período de agosto de 2007 a janeiro/2008.

dos sintomas da doença manifestados localmente. Na Idade Média, a saúde assumiu enfoque baseado na fé, sendo discutida no campo da religião e da ética, ou seja, no mágico. A doença passou a ser considerada como “conseqüência do pecado individual e coletivo...” (LAPLANTINE, 1991). Os idos dos séculos XVI e XVII marcaram o surgimento de um novo paradigma, tendo como ponto de partida a Revolução Científica, destacando-se Copérnico, Kepler, Descartes e Newton. A ciência foi reduzida a fenômenos matemáticos e quantificáveis, repercutindo na instalação de um modelo de saúde no qual substituiu-se a concepção holística do Universo pela noção de mundo máquina. Nestes termos, a doença surgiu como foco de interesse; a atenção dos cientistas voltou-se para as partes do corpo humano e a assistência à saúde passou a seguir orientação cartesiana e mecanicista. Esta visão reducionista permaneceu na Idade Contemporânea, sendo a saúde considerada apenas sob a ótica biológica, ou seja, ausência de doenças. Nessa perspectiva, instalou-se o modelo biomédico, alicerçado no paradigma cartesiano, ainda hoje dominante no sistema de saúde (CAPRA, 1982).

Nesse século XXI, mesmo com toda a tecnologia e com a valorização da racionalidade nos setores da sociedade moderna, observa-se que as práticas populares vistas como marginais à saúde são utilizadas freqüentemente. O sistema médico, acompanhando os desdobramentos da sociedade capitalista e ao se organizar em função da lógica do lucro, tende a atender desigualmente as classes sociais do ponto de vista dos cuidados oferecidos (FOUCAULT, 1997, 1983).

No nosso país, especialmente a partir da década de 80 do século passado, o emprego da terapêutica fitoterápica, assim como outras formas de medicina popular ligadas ao processo de formação cultural aumentou consideravelmente por razões diversas, tais como: o fato de a ciência estar enfrentando dificuldades na cura de muitos males da humanidade, principalmente em países pobres; o perigo do uso indiscriminado dos medicamentos alopáticos; a eficácia comprovada de algumas espécies de plantas na saúde humana ou mesmo por fatores sócio-culturais; o isolamento geográfico, encontrado principalmente nas regiões norte e nordeste, o qual dificulta o acesso de muitas populações a saúde. Outro aspecto que pode ter contribuído para a expansão do uso de medicina alternativa é o alto custo da assistência médica privada e dos medicamentos alopáticos, a assistência precária dos serviços públicos de saúde, onde as classes mais abastadas têm acesso a um atendimento médico-hospitalar altamente sofisticado e especializado, enquanto, grosso modo, reserva-se uma medicina deficiente às classes mais desfavorecidas. (SERRANO, 1986; ALVIM, 1997). A prestação diferencial na assistência à saúde tem trazido principalmente aos membros das

classes populares mais pobres, dificuldades tais como: sua locomoção até a Unidade de Saúde, o cansaço das longas filas de espera para apanhar fichas de consultas, entre outros. Tais acontecimentos acabam pesando na decisão de recorrer às práticas usuais de chás, rezas, simpatias e automedicação. Esta má qualidade dos serviços oferecidos pelos sistemas oficiais, aliadas à sua atenção normativa e tutelar, são elementos que definem a natureza da relação que as camadas populares têm com as instituições médicas, nos explicando sua opção por formas alternativas de cura (LOYOLA, 1984). Do mesmo modo, a recusa ao cumprimento de uma prescrição médica está associada não somente à falta de recursos financeiros mas também a particularidade de sua visão de mundo, o que determina a natureza de suas concepções de organismo, corpo e saúde, em geral, incompatíveis com os cânones científicos que orientam a prática médica (LOYOLA, 1984).

A grande maioria dos tratamentos populares não baseados cientificamente, como os existentes na população a ser estudada, são simples, porém o perigo está em acreditar que quando se trata de tratamentos naturais, como plantas medicinais: “se não faz bem, mal também não faz”. O pensamento, além de arriscado, é totalmente equivocado, pois uma grande parte dos fármacos comprados nas farmácias tem em sua fórmula, substâncias extraídas de plantas - o que prova que seus efeitos foram comprovados pelos laboratórios - além disso, sabe-se que o uso interno e principalmente contínuo de muitos fitoterápicos, sem acompanhamento médico, pode provocar graves reações orgânicas.

As práticas de cura através de medicina alternativa, encontradas nas camadas mais populares, interioranas e ribeirinhas, constituem modos de pensar, agir e reinterpretar novas condições de vida, tendo por base um sistema lógico que configura e produz sentido aos cuidados corporais, às relações interpessoais e à vida como um todo, que abrangem, também, as mudanças ocorridas no contexto em que vive esta população, como migração do meio rural para o urbano, transformações no estilo de vida, tipo de trabalho e alimentação (KLEIN, 2003).

Visando uma maior interação médico-paciente e o exercício de uma medicina mais humanitária e de melhor qualidade, torna-se importante proceder um estudo sobre a cultura e as práticas médicas de comunidades do Vale do Juruá, durante a nossa prática clínica. Tal estudo proporcionará continuação do trabalho de pesquisa intitulado, já concluído pelo bolsista anterior deste projeto, Daniel Alves Orlando, do 10º período do curso de Medicina: "Imaginário Nos Usos e Práticas Médicas Populares: chás, rezas e simpatias", realizado no programa PIBIC 2006/2007. Distinta da proposta anterior, nosso trabalho atual pretende estudar as relações entre práticas de saúde e cultura popular das comunidades do vale do

Juruá, utilizando os bancos de dados, com entrevista, do Centro de Estudos do Discurso do Acre, sendo que o trabalho anterior, privilegiou o estudo em pacientes atendidos no Complexo Hospitalar FUNDHACRE, em Rio Branco - AC.

1. Das práticas de saúde no Vale do Juruá

Estudar as manifestações das práticas de saúde populares no Vale do Juruá possui grande importância para nossa prática médica cotidiana, uma vez que encontramos nessa região uma medicina estreitamente ligada à cultura e ao conhecimento de mundo dos indivíduos que ali habitam, até mesmo por se tratar de uma região fronteira entre o Brasil e o Peru, o que resultou num denso "caldo cultural".

Michel Foucault nos aponta importantes reflexões acerca do nascimento da Medicina, afirmando que havia uma inter-relação entre ciência médica e poder político. Essa relação se faz de tal forma que o interesse político poderia interferir no "estado de saúde" fazendo com que certos problemas sejam resolvidos a partir do tratamento de suas causas, que se encontram em uma complexa relação sócio-cultural. Nessa parceria médico-social a parte que cabe a medicina é a do tratamento, individual ou coletivo, imediato. Assim, após os problemas sociais que causaram a doença serem resolvidos, o médico não tratará o mesmo paciente sempre com as mesmas doenças pois afinal, foi levado em conta um dos fatores preponderantes no tratamento de certas doenças que é relacionar saúde e cultura.

Como manifestação da medicina popular na região do Vale do Juruá, encontramos uma larga utilização de ervas medicinais, algumas já aproveitadas pela farmacopéia brasileira mas que ainda seguem certos rituais de preparo. A partir daí o imaginário rouba a cena e as substâncias químicas presentes nos "medicamentos" ingeridos se transformam em meros coadjuvantes no tratamento do paciente.

O imaginário, por conter partes racionais e não-rationais se torna muito presente no processo de tratamento de doenças nas comunidades do Vale do Juruá, o que pode ser observado nas mais variadas áreas de tratamento, incluindo muitos males, tais como: febre, diarreia, cefaléia e até mesmo malária. Tornar-se interessante observar como são utilizadas as ervas, tendo em vista que a eficácia do tratamento é sustentada por uma crença cotidiana.

Por meio de entrevistas, podemos observar algumas das práticas médicas largamente utilizadas pelas populações do Vale do Juruá. Um bom exemplo disso, é um relato de um senhor que quando estava com cefaléia, amarrava folhas de peão na cabeça, obtendo eficácia.

– E existe ... por exemplo ... ervas medicinais para quem está doente ... folhas de alguma árvore ... quais são? Por exemplo ... para dor-de-cabeça tem alguma?

- Bom ... às vez a pessoa tá com dor-de-cabeça ... às vez têm deles que amarra folhas de peão.
- De peão?
- Amarra na cabeça ... às vez toca de noite...

(Fonte: Acervo CEDAC.TA095BM, p. 1)

As crenças e os ritos ligados ao imaginário entram em ação quando a força da razão não é suficiente para preencher o "vazio químico ou psicológico" causado por um problema. Esse fato pode ser observado se nos reportarmos à entrevista citada anteriormente. Clinicamente, existem várias causas que podem provocar cefaléia e para que o problema possa ser resolvido é necessário considerar diversos aspectos, inclusive, a possível causa.

Na referida entrevista, os "efeitos do imaginário" se fizeram tão presentes, talvez por serem as únicas alternativas disponíveis como "medicamento" a ser utilizado pelo homem da floresta. Isso significa que independentemente da causa do sintoma, o usuário consegue efeitos satisfatórios utilizando o "remédio", o que nos mostra que a vida social do homem da floresta está assentada em um mundo de relações simbólicas, em que o símbolo representa coisas, idéias, pessoas e está no lugar da coisa representada.

Conforme postula Marcel Mauss (Apud. MONTERO.p.43), as coisas, idéias e pessoas não são simbólicas em si, mas adquirem significado inseridas em determinada cultura, pois todo sistema simbólico representa aspectos da realidade física e social de determinado grupo.

Observações importantes sobre esse assunto foram feitas por Paula Montero, em seu livro *Magia e Pensamento Mágico*. Nesta obra, a autora afirma que as pessoas utilizam o rito, esperando obter resultados práticos e os rituais se mostram tão perenes, mesmo em sociedades como a nossa, em que o avanço tecnológico causaria o total desaparecimento da magia.

Assim, devido ao contexto de exclusão social e dificuldade de acesso aos meios de tratamento à saúde, mas também por um aspecto cultural, as comunidades do Vale do Juruá, buscam na própria natureza algo que alivie a sua dor. Diante disso, nada mais fácil do que utilizar-se de costumes locais, tão tradicionais, a fim de combater os mais variados males

Essa atitude não é tomada apenas pelas comunidades do Vale do Juruá mas o homem, em geral, sempre recorre ao imaginário quando é obrigado a reconhecer a impotência do seu conhecimento e de suas técnicas racionais. O antropólogo (B. Malinowski Apud. MONTEIRO. p.54) cita o exemplo no qual, em alguns povos, a pesca em uma lagoa não requer nenhum rito mágico porque eles podem confiar no seu conhecimento e técnica. Já com a pesca no mar não acontece o mesmo, porque ela é perigosa e incerta. A partir dessa visão, nota-se que o imaginário "entra em ação" quando a margem de imprevisibilidade é muito grande.

Essa atitude parece conflitante com a ciência, porque a partir do momento que não se tem conhecimento técnico suficiente, a ciência é deixada de lado e o imaginário rouba a cena. Diante da impotência frente a um problema não se cruza os braços e é mais viável "abraçar" a cultura e os medicamentos, que se tem acesso, do que simplesmente esperar que a morte solucione o problema. Afinal é algo inato do ser humano apegar-se a deuses, santos, ervas ou qualquer outra *coisa que simbolize o fim do seu sofrimento, porque é esse símbolo que lhe dá forças para viver e não se entregar a morte.*

A falta de acesso à saúde é tão presente na vida do povo da floresta, fator este que os leva a procurar soluções milagrosas. Estanislau Paulo Klein, em seu livro Santos da Floresta: Cultura e Religião entre os Seringueiros do Acre, nos afirma que durante a defumação do látex, ocorre a liberação de uma fumaça que causa sérias lesões aos olhos. Apesar da coagulação ter sido substituída por outra forma de defumar o látex, tal processo foi executado por muito tempo e com isso vários seringueiros sofreram essas lesões. Frente a tal problema, os seringueiros acreditando se livrarem desse mal, fizeram pedidos e promessas a Santa Luzia, posto que ela é a santa protetora da visão.

Nesse mesmo livro, Estanislau Paulo Klein nos relata mais uma das práticas de saúde populares, como o caso da Alma Milagrosa do Bom Sucesso:

Era uma velha muito caridosa, foi uma parteira, assistiu com várias mulheres, graças a Deus nunca morreu nenhuma no dia da assistência dela, você entendeu? Então ela fez muita caridade, dava dinheiro para todo mundo [...] O trabalho dela era assistir desde aquele seringal que a gente tinha. (Klein,1999.p.47)

Tal entidade milagrosa é lembrada, principalmente, por mulheres em final de gestação as quais faziam promessa para que o parto acontecesse sem problemas. Essa Alma Milagrosa do Bom Sucesso se chamava Antonia Oliveira da Silva, uma grande parteira, na localidade de Bom Sucesso no Seringal São Pedro, que por nunca ter deixado nenhuma mulher morrer no dia do parto fez com que após sua morte ela recebesse pedidos de ajuda das mulheres que iam conceber o feto.

Dessa forma, há outros exemplos acerca da influência do imaginário nas curas:

- E vocês acreditam em curas ... rezas ... quando a pessoa reza ?
- Acredito pra certas doença
- O que fica bom rezando ?
- Fica ... pra criança vento caído ... quebrante ... mau-olhado fica
- E para adulto ?
- Pra adulto ... mordido de inseto fica também ...

(Fonte: Acervo CEDAC. TA096AM. p.22)

Nesta entrevista, nota-se, que em relação às crianças, tanto no caso do "quebrante" como no caso do "mal-olhado" pressupõe-se que existem forças mágicas influenciando seu bem estar. Essas forças mágicas no imaginário dos pais, são provenientes de outras forças, criadas por certos indivíduos. Tendo por base tal afirmativa, nota-se que após as crianças adquirirem alguma doença, seus pais a relacionam a algo mágico causado por outras pessoas e acreditam que, realmente, essas pessoas foram as responsáveis pelo mal de seus filhos.

Observando essa seqüência de raciocínios e visto que as condições de acesso à saúde são precárias, os pais se apegam a entidades milagrosas, as quais eles acreditam poder salvar a vida de seus filhos.

A crença no pensamento mágico é resultado de fatores sócio-culturais que refletem a visão de mundo dessas Comunidades do Vale do Juruá. Assim, é de extrema importância, que o profissional de saúde entenda a crença popular de que “o que não faz bem, mal também não faz”, para que haja uma melhor interação entre paciente/médico e, conseqüentemente, um melhor diagnóstico. Comprovadamente, tais ervas podem fazer muito mal se utilizadas de forma indevida e em quantidades inadequadas, pois, muitos princípios ativos encontrados nos medicamentos manipulados pela indústria farmacêutica são retirados de ervas provenientes da floresta.

É tão importante e requer tanto cuidado a utilização dessas substâncias, que encontramos na ciência médica a fitoterapia que utiliza ervas medicinais com fins terapêuticos. Essa é a forma utilizada pela medicina para legitimar o uso das ervas largamente usadas, de forma imprópria, pelas populações tradicionais da floresta. Infelizmente esses indivíduos da floresta, em especial os das comunidades do Vale do Juruá, banalizam o uso de ervas provenientes da floresta, utilizando-as em forma e em quantidades impróprias:

- No seringal quando as pessoa ficam doentes o quê elas fazem para ficar boas?
- Toma remédio ... toma purgante
- Purgante não é para verme?
- É ((risos))

(Fonte: Acervo CEDAC. p.50.)

Um dos fatos marcantes dessa entrevista é a facilidade com que a locutora utiliza-se de certos remédios. Ela, sem o menor receio de causar-lhe algum mal, prescreve medicamento, que é utilizado, provavelmente com eficácia para outro mal, acaba por servir para tratar qualquer problema. Mesmo sem estar explícito, provavelmente, a locutora não apenas toma o remédio como também seria capaz de indicá-lo a qualquer pessoa que por ventura estivesse necessitando, ou seja, utiliza-se do purgante para qualquer mal.

Analisando a simplicidade da dona Raimunda também observa-se que ela ainda, possui a mentalidade que quando qualquer substância e/ou organismo faz mal ao corpo humano, eles devem ser eliminados de qualquer forma. Essa idéia pode até ser comparada à sangria, técnica não simpática aos olhos da medicina, que consistia na retirada de certa quantidade de sangue do indivíduo, pois acreditava-se que assim se eliminaria "o mal" que estava lhe afligindo. Fazendo a comparação entre essas duas medidas pode-se observar uma idéia comum, mas nem por isso correta -: a eliminação de certas substâncias-, seja pela diarreia causada pelo purgante, ou pela perda de sangue causada pela sangria.

Essa medida tomada pela citada dona Raimunda, com a utilização do purgante, não só pode ser ineficaz como também pode prejudicar o indivíduo, de tal forma que pode levá-lo a grandes complicações, pois a diarreia não é um sintoma que pode ser menosprezado, pois se não tratado de forma correta, ocasiona complicações clínicas, podendo ocorrer desidratação e o possível óbito do paciente.

Essa atitude de tomar purgante para o tratamento de qualquer patologia, como o caso de Dona Raimunda, já citado anteriormente, não é um exemplo isolado, mas faz parte de uma cultura médica popular, que tem suas origens em uma medicina da Idade Medieval.

Podemos observar um outro bom exemplo em que o homem da floresta demonstre grande conhecimento das plantas e segurança em sua prescrição:

- É ... quais os ... remédios que o senhor usa da floresta ... senhor Chicó ?
- Pois bem ... pra: ... malária ... lá embáxo tina um pau que nós chamava quina quina ... esse pau de amargá mermo ... esse pau nós discasquemo ele perto dos gai ... rente tirava aqueles pedacim de casca né ... aí chegava botava dentro d'agua ... aí no otot dia começava a tomá a água ... aquela água era amargosa ... era o melhó remedi ...
- E resolve?
- Resove ... tem ... várias qualidades de ... mato que a gente faz chá
- Usa quando está lá ... usa mais remédios da floresta do que da: ...
- É ... mais da floresta do que ...
- Do que da farmácia?
- Do que da farmácia ...
- É mais saudável é melhor?
- Ah: ... é ...melhor

(Fonte: Acervo CEDAC. p.96.)

2. De conversa em conversa: um estudo sobre os inquéritos do Vale do Juruá

Os inquéritos que fazem parte do acervo do CEDAC, Centro de Estudos Dialectológicos do Acre, representam fonte inesgotável de pesquisas tanto no tocante aos aspectos lingüísticos como também culturais, incluindo-se importantes elementos para o estudo da saúde em comunidades tradicionais do Acre.

Podemos observar pela leitura dos inquéritos do Vale do Juruá que os padrões do comportamento místico e supersticioso de suas populações resultam de sua formação cultural, fortemente marcada pelas tradições indígenas que se juntam ao catolicismo popular de origem portuguesa, totalmente vinculado a milagres, tabus e castigos.

Em etapas mais recentes da história local, com a entrada de diversos grupos migrantes de origens distintas, que marcaram os processos de ocupação dos seringais, percebe-se que a ordem das coisas e do mundo em que vivem as populações do Vale do Juruá, é construída a partir da percepção do sobrenatural, que complementa a ordem social, denotando uma existência dualística, através da luta perpétua entre as forças do bem, representadas pelos santos, pelas rezas e pelas benzeções. Do outro lado, as forças do mal, representadas pelas doenças, pela morte, pelos feitiços, mal-olhados, quebrantes e ação de seres sobrenaturais.

- Há muitos rezadores onde você mora?
- Tem pôco
- Mas o senhor acredita em reza?
- Acredito
- Acredita?
- Acredito
- Já foi curado com alguma reza?
- Já
- De que ?
- Ah ... por muntas ... um veiz eu peguei uma estrepada no pé ... ai deu Vermêa ... aí tarra pa morre de duê e num tina jeito ... aí tina um véi lá que rezarra () ... tamém no tempo que os cara me cortaro ... tarra pa morre de buta sangue ... ai rezaro ... em mim passei de butá sangue.

(Fonte: Acervo do CEDAC.SP.)

Crendices e superstições podem ainda serem percebidas nas relações do homem com os alimentos e com os seres da natureza. Ainda, o uso de certas plantas com o poder de atrair a ação de entidades sobrenaturais e que fazem parte dos processos das benzeções, encontramos a vassourinha e arruda:

- Qual a doença mais comum entre as crianças?
- A doença?
- Sim
- Quando a criança é novina dá muito quebrante... vento caído ... gripe da muito também
- O que fazem quando a criança está com vento caído ou quebranto?
- Aí quando ta com vento caído, e essa quebrante a gente vai atrás de um curadô ... vai vê se tem um rezadô sabe
- Sim
- A gente sai de casa e vai lá manda ele rezá ... aí reza aquelas três veize aí é que vem pra casa
- Ele reza usando alguma coisa?
- Ele usa um galhim de vassôrina ... ele rasga assim três ramozino ... pega pra tirá o quebrante

- E dá certo?
- Dá certo ... certim certim

(Fonte: Acervo do CEDAC. p.29.)

Na medicina popular, os chás possuem grande destaque podendo atuar nas mais diversas funções, podendo "tratar" os mais variados problemas. Sua utilização se tornou bastante difundida devido a diversos fatores, que dentre eles se destacam a facilidade de obtenção e sua eficácia. Essa facilidade de obtenção se dá, principalmente, devido à proximidade entre os indivíduos de uma comunidade; já a eficácia é algo atuante seja devido aos componentes químicos presentes nos chás, e/ou seja com a ajuda do sistema imunológico da própria pessoa.

Essa resposta benéfica da utilização dos chás pode ser observada analisando-se o relato de Francisca Alves Ferreira que ajuda seu marido dando-lhe certos chás, após ele ter ingerido a curiosa iguaria “ovo de jabota com fígado de tatu”:

- Qual chá a senhora deu a ele?
- Eu dei chá pra ele ... de Chá de Mastruz ... Chá de Macela ... Chá de Pimenta-do-Reino
- Ele estava com dor no estômago e a senhora deu pimenta?
- Foi ... pra ele provocá
- Para bota para fora
- Era ... pra borá pra fora porque se não botasse ele ia morrê ((risos)) ... aí ele vei colocá pra fora o ovo com o figo depois que ele tomo o Chá do Burrái ... aí foi que ele vei coloca tudo pra fora pretim pretim

(Fonte: Acervo CEDAC. p.132.)

O procedimento da entrevistada apesar de não ter sido cientificamente correto, obteve efeitos satisfatórios. Seu marido após vomitar eliminou as substâncias que estavam lhe fazendo mal.

Entre os processos de tratamento e cura encontrados por nós, são aqueles relacionados aos ataques de animais peçonhentos, com o uso da Água de Ambé, Água de Jarina e outras substâncias. Podemos observar tal fato em outra entrevista:

- Aí ela foi ... olhou ... viu saino sangue da mina perna ... aí ela disse que tina sido una cobra que tina ferrado ... aí nós voltamo ... eu disse ... mamãe foi aqui nessa folha ... ela olhou ... a cobra tava na folha ... cobra verde da cô da folha ...
- Aí fizeram remédio ...
- Aí mina mãe mato a cobra
- Fizeram remédio da mata
- Foi ... aí a Mãe tirô água de Ambé ... cipó ambé e me deu pa mim bebê ... aí me deu água de Jarina ... talo de jarina ... eu tomei ... aí fui pra casa ... quando cheguei em casa ela me ... meu deu ...
- Essa cobra é venenosa ... essa papagaia?
- É venenosa ... quando eu cheguei ela me fez mais outros remédios casêro ... eu tomei

- Então para picada de cobra tem sempre uma...
- Tem

(Fonte: Acervo CEDAC.p242.)

Uma observação atenta desse inquirido é muito importante para os profissionais das mais variadas áreas, mas em especial aos profissionais da área da saúde. No caso descrito acima, independente do motivo, a entrevistada melhorou; mas se ela não viesse a melhorar e procurasse um médico, este durante a anamnese, não só deveria saber o procedimento a ser tomado para se tratar a picada da cobra, mas também ter conhecimento dos remédios utilizados por ela anteriormente à consulta assim como os efeitos deles sobre o organismo.

Ainda como prática de cura, encontramos os rituais de benzeção. Tais rituais se assemelham aos rituais de pajelança ou xamanismo, entretanto o benzedor não pertence a nenhuma hierarquia religiosa e seu conhecimento é fruto de sua longa vivência ou de um aprendizado no mais das vezes ligado a parentes. No entanto, sua autoridade é grande e seu prestígio costuma ultrapassar as fronteiras de sua comunidade:

- E essas doenças mais simples ... curava com que ... assim dor de cabeça ... um corte no pé ... usava o quê?
- Bom quando não tinha remede na casa do patrão né ... no barracão ...
- Hum ...
- É difiço... aí a gente faiz com ... ôtas medicina mermo ... com qualquer remédi medicinal ... dos mato ...
- Dos mato não é?
- Sim
- Hum ... só tomava remédio ou fazia reza também ?
- E a às vezes tinha muito rezadô né que ... rezava ... ficava bom
- É mesmo ... fica bom mesmo com rezador?
- Fica ... tem rezadô que reza bem

(Fonte: Acervo do CEDAC.p228.)

A benzeção ou reza se constitui em um conjunto de preces e gestos, iniciados pelo sinal da cruz e continuados com fórmulas e práticas que produzam as graças divinas trazendo a cura para os males, a paz para o espírito e o afastamento de entidades maléficas. Essa prática é realizada diante de símbolos sagrados como imagens de santo, crucifixo, bíblias e terços. Utiliza-se ainda velas, águas e, não raros, ramos de folhagens específicas como a arruda, o alecrim e a espada de São Jorge. Elda Rizzo de Oliveira nos afirma que a benzeção é um vínculo através do qual, o benzedor estabelece relação de solidariedade e de aliança com santos de lado e com homens, de outro. Opinião esta que é também corroborada por Montero:

A magia é uma arte que comporta uma multiplicidade complexa de operações. Os elementos com que trabalha são triturados, diluídos, transformados em bebidas e infusões; eles viram pasta, pó, fluidos, a serem bebidos ou comidos; ou ainda imagens a

serem guardadas como amuletos. Essa química não tem como único objetivo tornar os produtos objetivamente utilizáveis. Na verdade, a preparação dos objetos mágicos é parte integrante do ritual que os torna eficazes. (Montero, 1990. p.60)

3. Ervas e plantas medicinais mais utilizadas nas comunidades do Vale do Juruá

A automedicação, como já foi dito, é uma atitude corriqueira nas comunidades do Vale do Juruá. Apesar dessa população utilizar-se dos mais variados recursos observa-se, a partir da análise dos inquéritos do CEDAC, que nessa região, a utilização de certas ervas e plantas medicinais é mais freqüente; dentre essas substâncias mais utilizadas se destacam, às descritas no quadro abaixo.

Quadro das ervas mais utilizadas pelos habitantes do Vale do Juruá, encontradas nos acervos do CEDAC:

Abracinto	para Sarampo
Agrião	para gripe
Ambé	para picada de cobra
Ambrazim	para catapora
Boldo	para febre
Capim Santo	para febre, suadô
Casca de Jatobá	para gripe
Cidreira	para dormir
Copaíba	para dores em geral, dor de ouvido, dor de garganta
Folha do Pé de Café	para tira o sono
Folha do Pé de Laranja	“Bom para quem tem pressão alta”
Folha do Pé-de-abacate	para febre
Folha do pé-de-manga	para febre
Graviola	para dor no fígado
Hortelã	para dor no estomago
Janguba	para quando se quebra qualquer parte do corpo
Jarina	para picada de cobra
Mangirioba	para febre
Mastruz	para verme, para garganta
Mel de Abelha	para tosse
Melhoral	para dor no fígado
Quina	para malária
Raiz da Lima	para febre
Sabuguêra	para febre
Sabugero”	para sarampo
Sipira	para febre
Tangerina	Febre
Vassorina”	para dor “nas urinas”

4. Alguns estudos farmacológicos acerca das plantas medicinais encontradas nos inquéritos sobre o Vale do Juruá

A partir da observação das mais variadas espécies de plantas medicinais, utilizadas pelas comunidades do Vale do Juruá, este estudo será aprofundado nas espécies: *Nasturtium officinale*, *Ocimum basilicum* L. e a *Chenopodium ambrosioides*. Esta investigação consiste na obtenção de informações variadas, tais como: princípio ativo, efeitos fisiológicos sobre o organismo humano, possíveis procedimentos, a serem evitados ou tomados, em relação a utilização dessas espécies.

Apesar da falta de informação técnica, pelos povos das comunidades do Vale do Juruá, acerca da composição química e posologia dos fitoterápicos, inúmeros são os que podem ajudar o organismo e vários também são aqueles utilizados, se não de forma correta, quase corretamente. O *Nasturtium officinale*, também conhecido como agrião-da-água, agrião-das-fontes, agrião-oficinal, agrião da ponte, saúde do corpo (Cunha, 2003) é um exemplo de planta utilizada pelos povos do Vale do Juruá, contra a gripe.



Fonte: http://www.mallorcaweb.net/salbufera/imatges/nasturtium_officinale_pv.JPG

O agrião, é constituído principalmente por: triterpenos e tetra-nortriterpenos, glucosinolatos; taninos, vestígios de óleo essencial; nitrilos (fenilpropionitrilo); sais minerais e vitaminas do complexo B e C. A literatura relata que essa planta é utilizada em inflamações das vias respiratórias (bronquite e tosse), diabetes, estimulante do apetite nas anemias e anorexia e não é conhecida nenhuma contra indicações para sua utilização. (Cunha, 2003)

Tendo por base essas referências bibliográficas, nota-se que esse fitoterápico, mesmo sendo constituído por diversas substâncias químicas, não quantificadas individualmente neste estudo, de modo geral, tem efeitos benéficos sobre o organismo. Analisando apenas o fato de

ser um estimulante do apetite, isso já faz jus a sua utilização no combate à gripe, pois é fato que um organismo bem nutrido tem ação mais eficaz no combate aos agentes infecciosos.

Quanto a utilização do *Ocimum basilicum* L., que possui nomes vulgares como alfavaca, alfavaca, basílico, manjericão, manjericão-de-folha-grande, manjericão, manjericão-roxo,(Cunha,2003); foi relatado, a partir da leitura dos inquéritos do CEDAC, que é utilizado pelos indivíduos das comunidades do Vale do Juruá, para banhos medicinais.

Essa espécie é constituída principalmente por óleo essencial rico em estragol, linalol, cineol, eugenol, acetato de linalino, hidrocarbonetos monoterpênicos, flavonóides, saponósidos, sais minerais, ácidos fenólicos, e taninos (Cunha,2003). Pode também atuar em determinadas regiões do organismo estimulando o apetite e a digestão, além de ser antiflatulento, espasmolítico e antitússico (Cunha,2003).



Fonte: http://www.bradynursery.com/images/photo_basil.jpg

A utilização deste fitoterápico exhibe, mais uma vez, a sabedoria popular. Sua utilização, em banhos por pessoas das comunidades do Vale do Juruá, é justificada porque quando utilizado externamente é anti-séptico e cicatrizante. Mas pode ser utilizado em pessoas com dificuldades digestivas por hipo ou hiper secreção de suco gástrico e em anoréxicos. Além de combater as cólicas intestinais, é diurético e pode agir contra as enxaquecas e atuar na gripe contra a tosse irritativa. Já externamente pode ser utilizado em infecções orofaríngeas e dores musculares (Cunha, 2003).

Apesar de todas suas utilizações, de acordo com a literatura, tem como principal indicação como digestivo e antiflatulento; e quanto ao uso tópico, é utilizado principalmente nos sintomas reumáticos.

Entretanto, mesmo com todos esses benefícios sua utilização requer precauções tais como cuidado em suas quantidades utilizadas pois em doses não terapêuticas é irritante das mucosas e, internamente, é neurotóxico.(Cunha, 2003)

Outros fitoterápicos utilizados pelas comunidades do Vale do Juruá não devem ser administrados de forma tão despreocupada. Esse é o caso da *Chenopodium ambrosioides* que, se administrada de forma inadvertida, em crianças e adultos, pode trazer inúmeros prejuízos à saúde humana, podendo causar risco de morte.

A *Chenopodium ambrosioides* também chamada é de mastruço, mastruz, ambrisina, mentruz, erva-formigueira, mata-cobra, canudo, erva-pomba-rota, erva santa, ambrósia, quenopódio, erva de Santa Maria, etc; é considerada uma das espécies com maior área de dispersão. Esse sucesso se deu, principalmente, devido a sua capacidade adaptativa e pelo interesse em sua essência constituída principalmente por ascaridol-glicol, hidrocarbonetos, cânfora, salicilato de metilo, ácido butírico, safrol e excepcionalmente rica em ascaridol, um peróxido terpénico, o 1,4-dioxi-2-p-menteno, instável que à temperatura de 130°-150° decompõe-se bruscamente. (Costa, 2002). Esse conjunto de substâncias que compõem a essência farão com que os usuários se preocupem com a utilização dessa planta.

Quanto a outros aspectos o Mastruço é: uma planta herbácea de cheiro persistente e desagradável, com caules ascendentes canelados e folhas pecioladas, oblongas, agudas no ápice, de margem sinuado dentada: inflorescência em glomérulos axilares formando panículas folhosas; flores pentâmeras, hermafroditas ou unissexuais, de perianto persistente formado por cinco tépalas unidas na base e que acabam por envolver os aquênios, globosos ou deprimidos, corados de castanho-escuro, com cerca de 1,5mm de diâmetro, brilhante. (Costa, A.F. Farmacognosia. 2002. p.640)



Fonte: <http://www.yinyangperu.com/images/paico.jpg>

A atividade anti-helmíntica dessa planta se deve a sua essência, a qual se localiza em glândulas externas, bem específicas, que se espalham sobre os tecidos externos verdes dessa espécie, além de localizar-se em ambas as páginas das folhas, na superfície externa do cálice e

na parte superior do ovário. Nos caules podem ser observados nas regiões coradas pela clorofila, entretanto desaparecem por completo das superfícies suberificadas. (Costa,2002)

O período de maior quantidade de essência coincide com a floração, mas nessa época conterà apenas de 6% a 10% de ascaridol; enquanto no início da frutificação essa quantidade aumenta, e a concentração dessa substância chega a seu máximo no momento em que os frutos encontram-se desenvolvidos por completo e escurecidos. Já num período adiantado da maturação, período este em que as folhas começam a murchar e os frutos adquirem um tom castanho, diminui-se novamente a quantidade de essência. (Costa, 2002)



Fonte: <http://www.organicgardeninfo.com/images/angelica.jpg>

Em relação a quantidade de ascaridol que pode ser retirado da *Quenopodium ambrosioides*, ela pode chegar incrivelmente a mais de 90% a partir de essências destiladas dos frutos. Essa essência foi considerada um dos medicamentos mais eficazes no combate a nematódeos, parasitas do intestino, que são responsáveis por causarem doenças como a ascaridíase e ancilostomose. A difusão do seu emprego só não é maior devido a elevada toxicidade do ascaridol que já até conduziu a morte. (Costa,2002)

A Erva de Santa Maria também pode ter outras utilizações no domicílio. Ela pode eliminar e repelir pulgas e percevejos, basta colocar ramos dessa planta debaixo dos colchões e/ou varrer a casa utilizando-os como vassoura. (MARTINS, E.R. et al. 2002)

Após obter-se conhecimento a respeito da *Q. ambrosioides* quanto, a sua morfologia, principio ativo, suas variações da concentração de ascaridol e utilizações domésticas, vamos nos atentar para os efeitos sobre o organismo, e a importância no cuidado em relação ao seu uso.

Apesar do seu efeito anti-helmíntico (Costa,2002) a utilização da *C. abrosioides* deve ser evitada por gestantes, pois essa planta tem efeito abortivo podendo ser tóxica e letal.(RODRIGUES.*Apud* .BALBACH,1992).Além disso, essa espécie pode trazer outros malefícios ao organismo humano como por exemplo lesionar o sistema nervoso central (VEIGA JÚNIOR; et al. 2005).Além de sua essência ser contra indicada para pessoas idosas ou subalimentadas,doentes renais, hepáticos, cardíacos e ulcerosos gastrintestinais. (Costa, 2002)

Observando os efeitos da *C. ambrosioides* sobre o organismo entende-se a importância do cuidado, por parte do médico ou de qualquer outro profissional da área da saúde, quanto a orientação na utilização dessa planta. O simples fato de, principalmente, o médico ter conhecimento do efeito abortivo dessa espécie faz com que ele possa ajudar de forma mais eficiente seu paciente a ponto de poder até salvar vidas.

Durante a leitura dos inquéritos acerca das Comunidades do Vale do Juruá, pode-se observar que é indiscriminada a utilização do mastruço pelos povos dessa região. Esses povos utilizam-na sem a menor compreensão, como foi citado anteriormente, do local de maior ou de menor concentração de ascaridol em sua essência ou muito menos entendimento do período de seu desenvolvimento em que essa substância se encontra em maior quantidade. Por isso é de extrema importância que o médico, atuante nessa região, saiba conscientizar a população dos efeitos nocivos que a utilização da *C. ambrosioides* pode trazer, pois ele poderia deixar de salvar inúmeras vidas de crianças caso seus pais não forem orientados devidamente acerca desse assunto.

Considerações Finais

A partir dessas análises dos inquéritos do CEDAC, não só pôde-se compreender um pouco mais da cultura dos povos das comunidades do Vale Do Juruá, mas também deu aos profissionais da área da saúde, a possibilidade de terem uma visão mais completa acerca das práticas de saúde utilizadas por essas comunidades. Essa visão é a chave para que se tenha um panorama holístico de todo o complexo sócio-cultural no qual os indivíduos encontram-se inseridos.

Essa noção de “todos os níveis do conhecimento”, que inclui o social, cultural e o fisiológico, não só é importante para o cotidiano médico, como também é imprescindível para que se feche inúmeros diagnósticos.

Seria extremamente difícil, quiçá, impossível o médico dar o diagnóstico clínico a inúmeros pacientes sem ter conhecimento dos hábitos de vida, trabalho e alimentação; das crenças e medidas tomadas mediante a proteção à saúde,porque somente o conhecimento

dessas variáveis, intimamente relacionadas, podem dar a possibilidade do aconselhamento médico. Afinal, esse conhecimento “do todo” não deve ser ofuscado em detrimento de uma visão restrita e mecanicista.

Referências Bibliográficas

- ALVIM, N T. *A enfermagem e as práticas naturais de saúde*. Um estudo de representações docentes. Rio de Janeiro: Graflina, 1997.
- BUCHILLET, D. *Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia*. Belém - PA. Edições CEJUP, 1991.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- COSTA, A.F. *Farmacognosia*. 6ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2002.
- CUNHA, A.P.da; SILVA, A.P.da; ROQUE, O,R, *Plantas e Produtos Vegetais em Fitoterápia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2003. 701p.
- FOUCAULT, M. *A Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de JANEIRO: Forense Universitária, 1983.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. Trad. Ligia Pondé Vassalo e Raquel Ramalheite. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GUILMAN, A.; GOODMAN, L.S. *As Bases Farmacológicas da Terapêutica*. 9ed. Rio de Janeiro : McGraw-Hill Editores, .1996..
- GONDIM, N. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1992.
- KLEIN, E P. *Santos da floresta: cultura e religião entre os seringueiros do Acre*. Rio Branco: EDUFAC, 2003.
- LANGDON, J. "Saúde indígena: a lógica do processo de tratamento". *Revista Saúde em Destaque*. Centro de Estudos de Saúde. São Paulo, 1988. pp 12-15.
- LAPLANTINE, F. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LESSA, L.G. *A Linguagem Falada No Vale do Juruá*. Rio de Janeiro: DIGRAF/UERj, 2002.
- MARTINS, E.R.; CASTRO, D.M.de; CASTELLANI, D.C.; et.al. *Plantas Medicinais*. Viçosa: Editora UFV. 2002. 220p.
- OLIVEIRA, E R. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RODRIGUES, A.C.C. ; GUEDES, M.L.S. Utilização de plantas medicinais no Povoado Sapucaia, Cruz das Almas – Bahia. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Botucatu, v.8, n.2, p.1-7, 2006.
- SERRANO, A. I. *O que é Medicina Alternativa*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SOUZA, M. *Breve História da Amazônia*. São Paulo: Maco Zero, 1994.
- VEIGA JUNIOR, Valdir F.; PINTO, Angelo C.; MACIEL, Maria Aparecida M.. Medicinal plants: safe cure?. *Quím. Nova*, São Paulo, v. 28, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 11 May 2008.